

VITRINES DO DESEJO: ESTRELAS PORNÔ NOS CINEMÕES CEARENSES

Juliana Frota da Justa Coelho

Psicóloga, doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – SP, julianafjusta@gmail.com.

Resumo

Este artigo parte da tese intitulada *Somos todxs estrelas pornô?: a produção de subjetividades-vitrine no Cine Majestick (Fortaleza/CE)*, defendida no doutorado em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em 2018. Fundamentada por dois anos e meio de campo, quatorze entrevistas e pelo que problematizei como metodologia desejante, discuto os agenciamentos pornográficos nesse cinemão situando minha posição de pesquisadora mulher, cis, branca, nordestina e classe média, além de elaborar uma crítica, advinda do campo, sobre a colonização do corpo dxs pesquisadorxs das sexualidades - principalmente da pesquisadora -, que descarta os desejos como produção de conhecimento. A “vitrine” - perpassada pelas redes pornotópicas dos cinemões, as quais englobam variadas corporalidades, arquiteturas, moralidades, cheiros, fluidos, gradações de luz, sons, substâncias diversas e outros tipos de estimulantes - diz respeito à espetacularização das sexualidades em determinados espaços, como nos cinemas pornô de Fortaleza, produzindo estrelas-pornô que não se limitam a atrizes e atores das películas pornográficas. Não há a intenção de atrelar a pornografia à total subversão de valores sexuais moralmente aceitos (já que muitas vezes os ratifica), mas de interpelar que tipo de pornografia (historicamente associada ao gozo obsceno) é agenciada nesses espaços que se apresentam no centro da cidade de Fortaleza como “cinemões”, com ênfase no Cine Majestick.

Palavras-chave: Pornografia, Geopolítica dos desejos, Interseccionalidade.

Introdução

É comum escutar entre xs fortalezenses: “é possível encontrar tudo no Centro!”. Convém contextualizar essa famosa frase, quase um aforismo cearense. Conhecido por seu cotidiano frenético de comércio formal e informal, essa região – o centro de Fortaleza - também é povoada por cinemas pornô (até agosto de 2018, pude contar cerca de 15 em funcionamento), conhecidos por “cinemões”, espaços nos quais a exibição de filmes pornográficos é apenas uma de suas atrações. Com diferentes arquiteturas e públicos, pode-se dizer que há algo em comum que os une: a proposta de ser um espaço no qual práticas sexuais desobedientes de uma moral cisheteronormativa dos desejos possuem mais liberdade, apesar de que nem tudo o que acontece nesses estabelecimentos esteja relacionado a práticas sexuais.

Essa pornotopia (PRECIADO, 2010) de cinemões já chamava a minha atenção quando criança, ao frequentar o Centro, acompanhada de minha mãe e meu pai, para comprar roupas, calçados, beber caldo de cana e comer pastel - todos mais baratos que nos *shopping centers* de outras partes da cidade. Não conversávamos sobre esses estabelecimentos geralmente marginalizados, mas passar perto deles já era motivo para “apressar o passo”. Essa aura marginal dos cinemas pornô finalmente foi experienciada em 2007, quando entrei com três amigos em um deles ao fugir de uma briga de bar. Não sei bem quanto tempo passei no Eros, na Rua Assunção, onde era a única mulher cis, mas essa experiência provocou enorme desejo e curiosidade de aprofundar o conhecimento e a vivência nesses estabelecimentos.

Em 2011, conheci o Cine Majestick, que se diferencia de todos os outros por ter uma sala de cinema (os outros costumam ser casas adaptadas com pequenos televisores e cadeiras de plástico) e ser o único a permitir que travestis façam programa em seu espaço. Nessa época, também havia *shows* de sexo explícito (estes foram interrompidos em 2012 e voltaram em 2017), nos quais a plateia interagiu sexualmente com *as strippers*. Nele, também me sentia mais segura, por ser um espaço maior e um pouco mais iluminado que os outros, além de ter visto alguns casais (no entendimento desse cinemão, casal que dizer mulher e homem cis) o frequentarem, principalmente

em dia de *show*. Dentro do Majestick e demais cinemas pornô, eu observava práticas que não costumava ver no cotidiano do “fora”: homens (clientes e michês) se masturbando explicitamente, negociações de programas entre travestis e homens, geralmente casados (alianças reluzentes nas mãos), gemidos vindo de cabines, abordagens de paquera que muitas vezes prescindiam das palavras... As exibições na tela eram apenas mais um dos atrativos/agentes desse espaço, o que me fez questionar: é possível falar que existe uma estrela pornô nesse espaço e que esta se encontra nos filmes? Todos esses elementos contribuíram para que eu escolhesse como tema de pesquisa de doutorado o Cine Majestick e a produção de subjetividades a partir do que eu via como uma “vitrinização”, espetacularização das sexualidades e dos desejos considerados obscenos, estimulados por esses espaços.

Essa escolha provocou reações de espanto em alguns familiares, amigxs e conhecidxs. “Como você vai conseguir entrar em um espaço para homens gays?”, “Esses lugares são muito perigosos!”, “Duvido que te deixem entrar!”, “Não tem medo de ser confundida com puta?”, “Qual a importância de um trabalho sobre putaria?”, “Vai ser difícil conseguir emprego com esse título de doutora em putaria!” foram alguns dos questionamentos e afirmações que acompanharam todo o percurso da pesquisa de doutoramento, instigando-me a problematizar por que tanto pânico em relação a um campo que muitxs sequer conheciam.

Figura 1 – Meme da página de humor cearense “Suricate Seboso”.¹



Fonte: Página “Suricate Seboso” no Facebook.

Por outro lado, a experiência de diversos amigxs nos cinemões e minhas idas anteriores à entrada no doutorado foram essenciais para que aprendesse as melhores estratégias de frequentá-los. Não houve pânico de minha parte em nenhum momento dos mais de dois anos de campo para esta pesquisa, mas planejamentos - que, não raro,

1 Esse meme mostra, com humor e ironia, o pânico moral de parte da população fortalezense com os cinemas pornô do centro da cidade. A figura é uma paródia da propaganda do banco Caixa Econômica Federal, veiculada em 2013, na qual uma criança que está aprendendo a ler olha para as fachadas e placas desse banco e soletra CAI-XA, ao que sua irmã mais velha exclama para os pais: “Gente, o Dudu tá lendo!”. Na versão cearense, a criança soletra o nome de um cinemão, sua irmã mais velha fica feliz por ele estar “lenu”, mas a mãe dessa criança-suricate, que não aparece, mas está presente por sua evocação pela filha, possivelmente está horrorizada por suas crianças entrarem em contato com um cinemão, nem que seja apenas pela leitura soletrada de seu nome.

tomavam outros rumos -, engajamento em uma produção científica de tema bastante relevante, abertura e disposição para afetar e ser afetada pelas dinâmicas dos cinemões, com ênfase no Cine Majestic, gestão de risco e, friso, desejo. Esses e outros aspectos fizeram parte do que nomeei de metodologia desejante, enfatizando que o desejo da pesquisadora em um campo pornô fez e faz parte da produção de conhecimento científico e de vida. Por mais óbvio que seja que o desejo não pede passagem para entrar em cena, ainda é possível observar que, quando este está associado a pesquisas em campos hiperssexualizados e, principalmente, quando esta é realizada por uma mulher, os entraves ainda são grandes, perpetuando o imaginário de que envolver-se em práticas sexuais durante a pesquisa sujaria e invalidaria o ser pesquisadora ética e responsável, atributos necessários para todos os pesquisadorxs e para toda variedade de campos.

Enfatizo a relevância de uma pesquisa sobre pornografia e produção de subjetividades via espetacularização das sexualidades, pois estes temas, nas Ciências Sociais e no cotidiano político brasileiro, fazem parte das relações de poder que atravessam o país no qual vivemos, estudamos e analisamos. No campo da sexualidade, mas também em suas interseccionalidades com raça, classe, geração, geografia, podemos perceber como privilégios e subalternidades se materializam no cotidiano, como circulam e provocam conflitos que envolvem políticas de vida e de morte (AKOTIRENE, 2020; MBEMBE, 2016). O microcosmo de um cinemão no centro da capital do Ceará também reflete questões macrocósmicas do Brasil e além dele.

A onda de censuras a trabalhos acadêmicos que envolvem temas relacionados à sexualidade, a qual também atinge o campo das artes (teatro, exposições, performances), educação (a falácia da “ideologia de gênero”), saúde (falta de capacitação para atender populações TT) e diversos outros, materializa-se na conjuntura política brasileira em dados alarmantes, como a “medalha de ouro” em assassinatos de Transsexuais e Travestis no mundo, números recordes de feminicídios, encarceramento em massa da população negra, racismo estrutural e, como consequência inerente, porcentagens cada vez maiores de pessoas com depressão, medo e ansiedade, além do alargamento da desigualdade social com a falta de políticas públicas eficientes para as minorias. Portanto, uma tese/artigo sobre espetacularização das sexualidades, feita por uma pesquisadora mulher, cis, nordestina e brasileira, é de fundamental relevância para que se compreenda e se

elabore estratégias éticas para a produção do conhecimento acadêmico, mas também para as políticas de vida no país.

O objetivo desse artigo é discutir como as estrelas pornô são produzidas a partir de agenciamentos e embates com as vitrines dos desejos estimuladas pela proposta do Cine Majestick.

Espetacularização das sexualidades: vitrines e estrelas pornô

O que a espetacularização das sexualidades pela vitrine dos desejos ativa? Montagem de corpos-agentes desejantes e historicamente marcados por privilégios e tentativas de apagamento. Por que vitrine? Porque é um conceito que contempla, no contexto do Cine Majestick e demais cinemões fortalezenses, a espetacularização dos desejos pornográficos, sua exibição e consumo. A vitrine não apenas produz e estimula a circulação dos desejos que materializam o Cine Majestick, mas também frustra, pois nem todos os agentes conseguem sustentar o obscuro (que em sua etimologia quer dizer “fora de cena”) por conta das vulnerabilidades ao que está “fora da norma”². No entanto, cabe ressaltar que a excitação e a frustração não afetam os agentes da mesma forma, pois estes possuem particularidades interseccionais e geopolíticas. Portanto, problematizar produção das vitrines dos desejos também é debruçar-se em processos colonizadores e descolonizadores.

Ao tematizar as vitrines nos espaços, o sociólogo colombiano Armando Silva, em seu livro *Cenários Urbanos* (2006, p. 71), afirma que a vitrine excita a imaginação ao mesmo tempo em que gera frustração. Complementa dizendo que a vitrine é um espaço de desejos:

[...] Sua composição, seu desenho, constrói um cenário de possibilidades que ultrapassa o realmente viável. A vitrine, por princípio psicológico, mostra-nos

2 Aqui, atento para o perigo da armadilha de se considerar “dentro da norma”, em contrapartida, como algo seguro. Se a norma exige adequação violenta a pactos coloniais de extermínio (embranquecimento, cisheterocentrismo, etnocídio), o perigo de morte se encontra tanto dentro como fora da norma. Esse questionamento nos instiga a pensar em possibilidades que fogem ao binarismo norma-fora da norma.

mais do que nos pode dar, isto é, vemos mais do que podemos obter.³

As ideias de vitrine de Silva podem dialogar com o que Preciado (2010) nomeia de arquiteturas masturbatórias - que não dizem respeito somente ao espaço físico de um estabelecimento, mas também aos desejos e subjetividades -, que ocultam e desvelam, “redesenham” corpos, palavras, gestos, afetos e espaços a partir de um controle farmacopornográfico.

Longe de romantizar os agenciamentos, é necessário esclarecer que este conceito, tão caro à Filosofia e a outras Ciências Humanas, depara-se com fluxos diferenciados, com a criação, mas também com interdição via vulnerabilidades. Uma leitura universal da agência, comum em diversos estudos que se baseiam cegamente em cânones europeus como Gilles Deleuze e Félix Guattari, oblitera qualquer possibilidade de responsabilização e de posicionalidade, fundamentais para tensionar as diferentes materialidades de vidas “que importam” ou não. Este texto, até o momento, mostrou diferentes formas de montagens de corpos, de fruição da cidade (com foco no Centro de Fortaleza), de gestão de risco e (in)visibilidades. Travestis, michês, clientes, funcionários, a pesquisadora/autora desse artigo, de suas diferentes posições e lugares de fala (RIBEIRO, 2017), afetam e são afetadas por diferentes vitrines, que não são cristalizadas, mas também não estão imunes às violências e privilégios das tentativas de captura via normatizações.

A vitrine não possui um vidro, mas pode ser entendida pelos embates de redes de poder que buscam normatizar e/ou subverter práticas sexuais: suas formas de exercício, onde podem acontecer, com quais e quantos parceiros... Portanto, a vitrine dos desejos no Cine Majestic estimula, mas também controla. E é exatamente nessa dinâmica de excitação-frustração que binarismos podem ser fissurados. O trecho da entrevista de Dediane⁴, ao falar do público e do privado nesse cinema, é interessante para perceber as dinâmicas políticas das vitrines:

3 Do original: “[...] su composición, su diseño, construye un escenario de posibilidades que sobrepasalo realmente conseguible. La vitrina, por principio psicológico, nos muestra más de lo que puededarnos, es decir, vemos más de lo que podemos obtener”

4 Ativista travesti, à época estudante de graduação em Jornalismo, entrevistada em 12 de setembro de 2017, em uma sala de estudos de uma biblioteca pública do estado do Ceará.

Os desejos já são públicos. Porque não sei quem vai entrar no Majestick. Não tem a possibilidade de entrar e não ser visto por ninguém, então mais de uma pessoa vai me ver, seja alguém passando na rua, seja o bofe da guarita, que vai me dar o ingresso pra eu entrar, seja na cortina da primeira entrada, sejam os clientes que vão adentrar depois, seja o acesso ao fundo do cinema, seja a ida no banheiro, no bar ou na entrada da cabine. Ou passa pela discussão de achar que não existe a possibilidade de encontrar em outro espaço. Então, esse espaço, o Majestick também vai ser espaço de vivência da sexualidade do outro, do que não tem a sexualidade pública, mas naquele espaço pode tornar pública aquela identidade, seja o fetiche pela travesti, seja o desejo do gay enrustido que vai atrás de um michê. Quer dizer que existe algo ali também político. Adentrar aquele espaço é uma ação política.

A disposição de espaços e atrações nesse cinemão estimula o trânsito desses desejos a partir de outras sinalizações possíveis para seu exercício. A espetacularização das sexualidades materializa-se nesses outros usos dos espaços e nos agenciamentos com estes. Por exemplo, as poltronas da sala improvisada de cinema, primeiro espaço após passar a catraca e a cortina da entrada, são agentes das materializações do *ethos* pornográfico desse cinemão, pois não são somente “assentos para espectadorxs”, mas agentes-palcos que fazem parte das performances de clientes e trabalhadorxs do sexo travestis e michês. Sentar nas poltronas da frente, do meio ou nas últimas; na extremidade da fileira ou no meio; só ou acompanhadx são ações atravessadas por códigos-território (PERLONGHER, 1988) locais. É como se as poltronas tivessem uma atmosfera diferenciada de outros espaços, por mais que se conecte a eles. Nesses códigos-território das fileiras de poltronas, é possível ser *voyeur* ao assistir um boquete que acontece na fileira seguinte; ser conquistadorx ou conquistadx nos convites carnavais feitos por diferentes formas de olhar; coreografar usos do corpo tidos como incomuns pelas normas de sexualidade hegemônicas, como permanecer com a braguilha aberta e com as pernas abertas e encostadas uma em cada poltrona à espera da travesti ou michê contratadx para satisfazer seus desejos.

A maior ou menor penumbra da sala de cinema depende dos jogos de luz dos filmes exibidos na tela, os quais têm temática heterossexual e podem ser nacionais ou internacionais. Nesses *flashes* de

luminosidade, pode-se ver melhor quem está na sala e onde. Aliás, essa é apenas uma das formas de localizar alguém na penumbra da sala. O cheiro de mofo nesse espaço alinha-se momentaneamente com outros cheiros, como o de porra, camisinha e perfume, perfilando uma localização olfativa que pode guiar caminhos nos quais o ver pelo “olho orgânico” (HARAWAY, 1995) fica em segundo plano ou é torcido em outras formas de ver e cheirar: ver pelo cheiro, cheirar pelo olho. Essa confusão de fronteiras do que se costuma classificar como funcionamento normal do corpo humano, ou seja, ver pelos olhos, cheirar pelo nariz, diz dessa atmosfera do pornográfico no Cine Majestick, a partir do estímulo do exercício de desejos obscenos.

As arquiteturas dos cinemões não são feitas apenas de concreto, mas de efeitos das tentativas de (des)ordenação das sexualidades na capital cearense. Os códigos desses espaços são códigos da cidade, materializações de corpos e desejos que supostamente não deveriam acontecer fora deles, mas que, por esse mesmo motivo, podem furar essa “prescrição” por serem potencialidades políticas ao invés de meros “corpos dóceis”.

Nos momentos em que fiquei sentada nas poltronas ou circulei pelos ambientes do Cine Majestick, sendo tragada e tragando aquela atmosfera de cheiros, sons, texturas e convites carnais, percebi a circulação de diferentes estrelas pornô. Em 26 de outubro de 2017, numa quinta-feira, Rita Cadillac era a estrela de um filme nacional em exibição. Em diferentes posições e cenários, Rita transava com homens bem dotados e musculosos, numa sequência quase sem fim de gemidos. Ao mesmo tempo em que Rita e os atores coadjuvantes se esforçavam em suas coreografias sexuais, outras coreografias aconteciam na sala de cinema, estimuladas pelas vitrines dos desejos que atravessavam as espaço-temporalidades do Cine Majestick. Aproximações, exibições de peitos e paus, cochichos ao pé do ouvido para negociar programas, “desfiles” das travestis nos corredores laterais das fileiras de poltrona, michês parados em pontos específicos desses corredores e olhando fixamente para possíveis clientes, silenciosas “passadas de mão” nas minhas coxas e nas de meu amigo.

Naquele espaço, outras vitrines também circulavam. Não disputavam com o enredo da tela, mas agenciavam com estas formas de estar e de agir no Cine Majestick. Sem o filme exibido na tela, provavelmente não haveria aquela disposição de poltronas, nem os pontos de passagem e ancoragem daquele espaço. Os agenciamentos

travestis-michês-clientes-tela-fimes-poltronas-cheiros-penumbras-corredores formam uma atmosfera pornográfica que faz os desejos circularem de formas singulares que podem fissurar caminhos previamente tidos como destinos finais.

Portanto, levando em consideração essas diversas vitrines e agentes na sala de cinema no Cine Majestick e em outros de seus espaços, é possível dizer que as estrelas pornô estão nos filmes exibidos na tela improvisada? Quem e como podemos compreender como *porn stars*/estrela pornô nesse cinemão?

Estrelas pornô ou *porn stars* são, *a priori*, celebridades da indústria pornográfica bilionária, ícones de beleza e de performances sexuais consideradas inesquecíveis por conta de suas habilidades sexuais, seja em filmes, *blogs*, *chats* e outras plataformas. Como exemplos, cito os europeus Rocco Siffredi, Silvia Saint e Nacho Vidal, e xs brasileirxs Bruna Surfistinha, Pamella Butt e Kid Bengala (este iniciou a carreira de ator pornô no final dos anos 80), que marcaram época na década de 90 e começo dos anos 2000. A indústria de filmes pornográficos sofreu um grande impacto com o advento da internet, câmeras fotográficas digitais e *smartphones* com os quais é possível fazer seu próprio filme pornô sem grandes gastos, mandar “nudes” e negociar encontros sexuais, pagos ou não, com bastante facilidade. Logo, do casal que gosta de filmar suas transas às pessoas que são treinadas para atuarem em filmes de produtoras especializadas no tema, não há uma imensa distância, apesar das diferenças de investimento financeiro na seleção de quem vai participar e da remuneração. Por conta da proliferação de informações audiovisuais consideradas pornográficas, houve um aumento de *sites* que veiculam desde filmes de produtoras a filmes amadores.

As reverberações dessa pulverização pornográfica também podem ser sentidas nos espaços de cinema pornô da capital cearense e de outras cidades do Brasil e do mundo. No contexto fortalezense (e brasileiro), os cinemões, ou seja, os espaços com propostas de espetacularização das sexualidades em seus diferentes ambientes, propõem uma pornografia que não se restringe ao filme exibido na tela (ou televisor) nem aos atorxs que nela performam cenas “libidinosas”. Ao proporcionar uma geopolítica da pornografia em estabelecimentos com arquiteturas e propostas diferentes que estimulam práticas sexuais do que, à primeira vista, considerar-se-ia plateia, torcem o jogo

de umx supostx espectadorx, que passa a ser umx potencial estrela pornô.

Mas em que sentido me refiro a alguém que frequenta ou trabalha em um cinemão como potencial estrela pornô? Parto do princípio de que pornografia remete a uma circulação de desejos geopolíticos que geralmente não encontra espaço dentro das tradicionais classificações de sexualidade saudável e coerente com uma etiqueta cisheterossexual de papéis bem definidos de práticas sexuais para homens e mulheres. Portanto, falar de pornografia também é falar da construção de esferas públicas e privadas nas quais os desejos considerados obscenos podem circular ou não. No entanto, não acredito ser possível engessar os desejos em simplesmente obscenos e não-obscenos, mas problematizar sua tensão em diferentes espaços. No espaço público do Majestick, práticas sexuais que pretensamente deveriam estar alocadas no âmbito privado e com determinadxs parceirxs são estimuladas a se tornarem públicas em outros espaços e com outrxs parceirxs, sejam humanos ou não. Logo, a espetacularização desses desejos engendrada pelos diferentes espaços (exs: sala de cinema, cabines, bar, fumódromo), substâncias (bebidas, cigarros e outros estimulantes), gradações de luz (penumbra, escuridão total), tecnologias audiovisuais (filmes), virtuais (*lanhouse* e aplicativos de celulares) agencia deslocamentos do holofote pornográfico para outros espaços, para outras montagens de corpo. Dessa forma, os desejos obscenos, ao “entrarem” em cena por meio de variados agenciamentos pornográficos, materializam clientes, trabalhadorxs do sexo, cabines, poltronas, bares, músicas como estrelas pornô, produzindo as subjetividades-vitrine.

Como exemplo, pode-se aguçar os sentidos para o bar do Majestick. Com algumas cadeiras e mesas de plástico, televisor de plasma – que se localiza acima do balcão - que exhibe programação de esportes, jornais, filmes (sem áudio), um pequeno televisor analógico situado no balcão que exhibe filmes pornôs e uma pequena *lanhouse* que conta com apenas dois computadores, é um espaço de trânsitos e de ancoragens estratégicas de clientes, travestis e michês. Oferecer uma bebida ou um trago de cigarro, sentar no colo de clientes, comunicar com o corpo ou em rápidas conversas o interesse em fazer uma “brincadeirinha”, combinar o encontro em uma cabine pelo aplicativo, entre outras, movimentam as possibilidades de usos e desejos dessa parte do cinemão, que se comunica mais ou menos com as outras

partes a depender do intuito. O exercício desses desejos também pode ser compreendido como exercícios de liberdades pornotópicas que podem, ou não, desvanecer-se ao sair do cinemão.

Considerações finais

Apesar de cinemas pornô serem ambientes bastante sexualizados, percebi que nem tudo se resume a práticas sexuais. Por exemplo, o cinemão pode servir de morada temporária para algumxs trabalhadores do sexo e moradores de rua, guarita enquanto se espera pelo horário dos primeiros ônibus da manhã (no caso dos cinemas pornô 24h), local para tomar banho (naqueles onde isso é possível) ou simplesmente um espaço para encontrar amigxs e dançar.

As tecnologias audiovisuais, arquitetônicas, de tempo, espaço, sons e substâncias são tecnologias de subjetivação que são capazes de transbordar as estrelas pornô das telas para a montagem do próprio espaço do Cine Majestick e dxs diversxs agentes que fazem circular os desejos considerados, por algumxs, dissidentes. Ao ricochetear os desejos via tecnologias de subjetivação, o espaço desse cinemão funciona como uma vitrine na qual precariedades, privilégios, moralidades e resistências tramam uma pornotopia de sotaque nordestino.

Na pornotopia fortalezense do Cine Majestick e demais cinemões fortalezenses, privilégios, precariedades e prazer atravessam-se. É preciso que haja cuidado para não romantizar esses espaços como oásis de prazer orgiásticos. A vitrine dos desejos e as estrelas pornô são intrinsecamente atravessadas pelas interseccionalidades e geopolíticas. A vitrine a qual afeto e sou afetada não é a mesma das travestis, dos michês, dxs clientes, dos funcionários. Montagens de corpos racializados, hiperssexualizados, privilegiados e subalternizados acessam e são interditados em seus fluxos nos cinemões e na cidade de Fortaleza, pois, por mais que seja possível adentrar outra lógica de exercício de desejos, os cinemões são microcosmos das desigualdades da capital cearense, das políticas de vida e de morte do Brasil.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. (Coleção Feminismos Plurais).

COELHO, Juliana Frota da Justa. **Somos todxs estrelas pornô?:** a produção de subjetividades-vitrine no Cine Majestick (Fortaleza/CE). 2018. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, p. 07-41, 1995

MBEMBE, Achile. Necropolítica. **Artes & Ensaios**, n. 32, p. 123-151, nov. 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê:** prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PRECIADO, Paul B. **Pornotopía:** Arquitectura y sexualidad en “Playboy” durante la guerra fría. Barcelona: Editorial Anagrama, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017. (Coleção Feminismos Plurais)

SILVA, Armando. **Imaginarios urbanos.** 5ª edición corregida y ampliada. Bogotá: Arango Editores Ltda., 2006.